



# XII Colóquio Internacional "Educação e Contemporaneidade"



20 a 22 de Setembro de 2018 São Cristóvão/SE/Brasil

ISSN: 1982-3657 | PREFIXO DOI 10.29380

Recebido em: **19/07/2018**

Aprovado em: **24/07/2018**

Editor Respo.: **Veleida Anahi - Bernard Charlort**

Método de Avaliação: **Double Blind Review**

Doi: <http://dx.doi.org/10.29380/2018.12.23.03>

ESTEREÓTIPOS DE GÊNERO: SIGNIFICAÇÕES PARA MORADORES DE CONJUNTO  
HABITACIONAL POPULAR

EIXO: 23. PESQUISA FORA DO CONTEXTO EDUCACIONAL

CARMELITA RIKELLY SANTOS DE SOUZA, ELZA FRANCISCA CORRÊA CUNHA , VANESSA  
BARBOSA SANTOS

## RESUMO

Este trabalho investigou os papéis sociais de gênero em 9 moradores de um conjunto habitacional popular. Realizou-se coleta de dados na praça da comunidade e nas residências. Utilizou-se um questionário semiestruturado com questões abertas, sendo as questões fechadas tratadas pelo aplicativo SPSS-20 e as abertas pela Análise do Discurso em quatro categorias: *Identificação com o Gênero*, em que a maioria dos participantes mostrou identificação com seu gênero. Nos Estereótipos Femininos e Masculinos foi ressaltado: o homem como provedor e a mulher responsável pela dinâmica doméstica. Observou-se, contudo, sinais de ressignificações nos papéis sociais no interior da família. Importante na Família foi considerada a mãe, responsável pela integração da família.

Palavras Chave: Papéis sociais. Gênero. Família.

## GENDER STEREOTYPES: SIGNIFICATIONS FOR PEOPLE WITH POPULAR HOUSING SETS

### ABSTRACT

This study investigated gender social roles in 9 residents in a popular housing. Participants were approached in the community and in their residences. A semi-structured instrument with closed and open questions was constructed. Closed questions were treated by SPSS-20 *software* and those opened by Discourse Analysis. Four categories emerged in the answers: Gender Identification, in which the majority showed identification with their own gender. With regard to Male Stereotypes, behaviors of both genders were defined from traditional meanings as male provider and female responsible for domestic dynamics. However, there were signs of re-significances within the family. Mother was considered an Important Figure in the Family and responsible for family integration.

Keywords: Social roles. Gender. Family

## ESTEREOTIPOS DE GÉNERO: SIGNIFICACIONES PARA MORADORES DE CONJUNTO HABITACIONAL POPULAR

### RESUMEN

Este trabajo investigó los roles sociales de género en 9 habitantes de un conjunto habitacional popular. Se realizó la recolección de datos en la plaza de la comunidad y en las residencias. Se utilizó cuestionario semiestructurado con cuestiones abiertas, siendo las cuestiones cerradas tratadas con el SPSS *software* y las abiertas por el Análisis del Discurso en cuatro categorías: Identificación con el género, en el que la mayoría de los participantes reveló identificación con su género. En los Estereotipos Femeninos y Masculinos fue señalado: el hombre como proveedor y la mujer responsable por la dinámica doméstica. Se observó, sin embargo, signos de resignificación en los roles sociales en el interior de la familia. Figura más Importante en la Familia fue considerada la madre responsable de la integración familiar.

Palabras clave: Papeles sociales. Género. Familia.

### Revisão da literatura

A cultura ocidental tem marcas advindas do Iluminismo e das transformações sociais vivenciadas no período da Revolução Francesa. Essas mudanças educaram as sociedades civis, moldaram os comportamentos humanos e estabeleceram papéis sociais distintos entre o que é “ser homem” e “ser mulher” (FRANCO, 2013). Essa autora acrescenta que algumas atividades são exercidas principalmente por mulheres e outras por homens. A boneca, por exemplo, brinquedo tão valorizado socialmente, não é algo com o qual as meninas apenas brincam, é algo de o qual elas devem cuidar. Esta brincadeira é um estímulo da maternidade, peculiaridades que as educam intensivamente para serem mães. Em outro sentido, é importante enumerar uma série de brinquedos e atividades destinados culturalmente aos meninos.

Os cientistas sociais acreditam que os papéis sociais são construídos atribuídos sociohistoricamente aos indivíduos. A função de sistematizar as sociedades, especialmente no estabelecimento de relações assimétricas. De desempenho de papéis, está relacionado a um conjunto de regras determinadas pela própria sociedade, informada cada um de seus integrantes, o seu lugar nos espaços sociais de agrupamentos hierárquicos (PHILIPPE, 1981).

Diante da miríade de normas, D'Ávila (1999), relata que os agrupamentos formados por cada família têm um papel na manutenção da ordem social e na reprodução, tanto biológica, quanto social. Na estrutura do capital, a família e a acumulação de riquezas e o elo entre seus membros proporciona a transmissão de recursos materiais. Nos agrupamentos familiares são fundamentais para manter o sistema econômico capitalista, evidenciando a importância social da transgeracionalidade como elemento primordial do capital simbólico hereditário.

Outra representação atribuída às relações intrafamiliares é o papel de construir e transmitir um legado de valores como o aprendizado do “ser mulher” e do “ser homem”. Os contextos que envolvem os membros das famílias são interpretados de forma diferente por cada pessoa no decorrer da vida, através de conhecimentos e práticas cotidianas. O complexo de relações, pode ser observada a “universalização” e a “naturalização” do “ser mulher” e do “ser homem”. A “naturalização” tem como referência as características biológicas de cada sexo e dessa forma, Rosaldo e Lamphere afirmam que isso não pode ser generalizado, nem tomado como verdade absoluta, tendo em vista que os papéis e sentimentos humanos não são diretamente organizados pela biologia, mas sim, a partir do contato social com as práticas simbólicas das diversas culturas. Por isso, “ser homem” e “ser mulher” está relacionado às interpretações das características biológicas associadas a cada momento cultural de vida. As condições femininas e masculinas são predeterminadas biologicamente, mas ensinadas e construídas e, portanto, se necessário ou oportuno, desconstruídas.

De acordo com Castells (2000), o patriarcalismo vem sendo base para as interações nas famílias das sociedades contemporâneas. No entanto, as formas de se relacionar estão sendo ressignificadas tanto pela globalização quanto pelo “poderoso processo movido pelas lutas das mulheres”, movimento este, organizado multidimensionalmente a partir da década de 1960. O estopim dessas mudanças deu-se com a admissão das mulheres no mercado de trabalho, possibilitando a maneira o empoderamento feminino. As mulheres têm lutado contra opressões vivenciadas nos diversos contextos. Nos países industrializados a maioria das mulheres considera-se igual ao homem, com os mesmos direitos de controle sobre suas vidas.

Neste sentido, a discriminação tende a diminuir por meio da renovação simbólica de valores históricos culturais e do legado das sociedades, à medida que o nível de educação das mulheres aumenta, as relações de gênero decorrem em direção à igualdade. Outro momento importante destacado por Castells (2000), reivindicado pelas lutas femininas, pode ser a crise da família patriarcal. Esse desequilíbrio esteve relacionado aos abusos sexuais e à discriminação sofrida por aquelas que participavam dos movimentos predominantemente masculinos (tais como os movimentos trabalhistas e revolucionários). Ocorreram então, em todas as sociedades contemporâneas, o fenômeno da desintegração e a formação de lares solteiros, diluindo assim, o predomínio do modelo de família clássica. Esse fenômeno não significa o fim da família, mas o que Castells (2002) enfatiza é o surgimento de novos modelos de família que têm como base a reconfiguração de comportamentos e novos parâmetros da educação social.

A teoria interacionista interpretada por Blumer (1969) nos informa que o ser humano é caracteristicamente linguístico e que na comunicação os sujeitos compartilham símbolos e internalizam seus significados culturais e nessa dinâmica podem ocorrer ressignificações dos valores e crenças sociais.

Segundo Bronfenbrenner (1996) a existência de papéis sociais preestabelecem ações, cria maneiras de agir e define fronteiras entre o feminino e o masculino. A construção da identidade de homens e mulheres tem se configurado na base de separação entre as esferas pública e privada, onde as atribuições de papéis, atitudes e valores segundo os supostos modelos que estabelecem estereótipos masculinos e femininos. Contudo, de acordo com C. Menezes (2016), as ações das mulheres vêm abordando criticamente as concepções que determinam a rígida divisão dos espaços sociais segundo características inerentes aos sexos. As lutas sociais, levadas a frente por muitas mulheres indicam os autores, especificamente as brasileiras, revelam significativos ganhos, na esfera política, mas, “algumas têm mascarado uma histórica guerra, ainda distante de ser vencida” (p.61).

A definição de papéis, assim como o conceito de gênero faz parte de uma construção sociocultural, utilizada para

biológico feminino e masculino e parece ser no cotidiano que tais paradigmas são naturalizados. Por suas representações individuais essas definições também são ressignificadas diante dos distintos contextos sociais. Sua contribuição da mulher para suprir as necessidades da família ocorre através do trabalho doméstico (produtor em uso) e da atividade profissional remunerada, no mercado formal ou informal de trabalho (ZALUAR, 1985; TELLEZ, 2017). A desvalorização geral do trabalho feminino, a remuneração que lhes é retornada é de modo geral, baixa, especialmente comparado com as dos setores masculinos, nas mesmas categorias e funções. Além disso, o trabalho remunerado realizado concomitantemente com as tarefas domésticas, acarretando assim uma múltipla jornada de trabalho. Cordeiro et al. (2017) ao investigarem uma amostra de 20 mulheres moradoras de uma comunidade de baixa renda, a respeito dos papéis sociais desempenhados por elas, observaram que as participantes se dedicavam prioritariamente aos afazeres domésticos e a esmagadora maioria delas não se interessavam pelas atividades de mobilização social e política, embora tivessem prestado elogios às mulheres representantes políticas.

Segundo Goffman (1959) o papel social pode ser definido como os direitos e deveres assumidos por uma pessoa em relação à condição social e são representados por atos que interagem com expectativas de outras pessoas. Os papéis sociais sinalizam comportamentos determinados, tais como as profissões de ser médico ou psicólogo, o desempenho social de ser pai, ou ser mãe. O autor nomeia a pessoa que desempenha determinadas expectativas como papel e aquelas a quem se relaciona, de expectativas de papel.

Para Strey (2007), os papéis sociais são condicionados por eventos socioculturais específicos aos momentos em que os sujeitos vivem. De acordo com as expectativas que as pessoas têm de seus papéis sociais, especificar os desempenhados no interior da família, fazem parte de acordos interacionais e constituem consensos individuais e coletivos.

No que se refere ao sexo e ao gênero, ao longo dos tempos, tem sido significativa a influência que as crianças exercem na família, a partir da transmissão das crenças e valores que em geral, elas guardam e reproduzem toda a sua vida. A autora afirma que quando interagem, as pessoas revelam ideologias de gênero implícitas, que lhes permitem construir e entender os discursos dominantes na sociedade.

A multiplicidade de papéis sociais e a flexibilidade humana possibilitam aos sujeitos a adaptação nas diferentes situações sociais. Segundo D'Ávila (1999), os papéis sociais são referências que permitem compreender a conjuntura social e a forma podem ser usados como parâmetros para o nosso próprio comportamento. Ao longo da história o papel da mulher reconhecido por sua função de prover o sustento do grupo familiar e as funções maternas são indissociáveis do contexto social.

### Papéis Sociais de Gênero

As noções acerca dos papéis de gênero, muitas vezes são remetidas à associação destes com o sexo biológico macho. Essa forma de pensar é construída sociohistoricamente e o desempenho desses papéis muda de um contexto para outro. Como mostra Mead (1999):

Uma mesma ilha da Nova Guiné, três tribos – os Arapesh, os Mundugumor e os Hamar – desempenhavam papéis de gênero muito diferentes. Os comportamentos de agressão e passividade, por exemplo, que na cultura ocidental, estão fortemente associados, respectivamente, aos homens e às mulheres, quase numa determinação biológica, nestas tribos, tinham atribuições diferentes. Num destes grupos, homens e mulheres eram cordiais e dóceis; no outro, ambos eram violentos e no terceiro as mulheres eram aguerridas, enquanto os homens eram mais caseiros (p.6)

Para Stoller (1978), essencialmente todos os sujeitos têm identidade de gênero, composta a partir de um conjunto de papéis identitários de alta resistência à mudança. Esse autor afirma ser mais fácil mudar o sexo biológico do que o gênero social de uma pessoa, tendo em vista que as crianças aprendem a ser menino ou menina até os três anos de idade. Dessa forma, no momento que o sexo de um bebê é descoberto pela ciência ou por seu nascimento, são ensinados códigos culturais que indicam que é ser homem ou mulher naquela sociedade. Ao longo da vida psíquica, as pessoas vão internalizando valores e normas acerca das características específicas no sentido de assumir a identidade referente ao seu ser biológico. É através dessas construções que estereotipadamente, os grupos se dividem em rosa ou azul, bonecas ou carrinhos, fraqueza e força.

submissão ou dominação, restringir-se ao privado ou a circular livremente no público, sem precisar de maior sobre qual desses lados é o considerado mais adequado para uma mulher e para um homem.

As distinções dos papéis de gênero, baseadas no biologismo, construíram os conceitos de masculino e feminino. Sobre o respeito, Strey (2007) informa que essas opiniões não podem ser abordadas unicamente sob ponto de vista biológico, deve-se levar em consideração o conhecimento social.

De modo geral a educação intrafamiliar é transmitida pelos pais e mães para o/s filho/as e por vezes, essa estrutura é uma fórmula que facilita o desenvolvimento social. Nesse sentido, na medida em que alguns pais e mães tentam que o filho foi ensinado, outro/as se vigiam para não repetir os padrões educativos recebidos na sua família, uma tentativa de não reproduzir os erros percebidos de sua própria educação (WAGNER, PREDEBON, & FALCKE, 2014).

Razera, Cenci e Falcke (2014) reconhecem que um sujeito só se define na interrelação com o outro, por isso, o contexto em que a criança está inserida tem influência no seu desenvolvimento. Nessa perspectiva, os estudiosos ressaltam a importância da análise das gerações anteriores de um indivíduo, para poder entender quais os aspectos da transgeracionalidade presentes nas relações interdependentes. Gomes (2000) complementa esses estudos, afirmando que além da família, os cenários sociais em que os sujeitos circulam são responsáveis por esses aprendizados. Contudo, a família é a que tem o papel mais relevante nesse processo. Mesmo após as lutas travadas pelos movimentos feministas (a partir de 1960, Narvaz e Koller (2006) reconhecem que a dominação patriarcal ainda predomina nas famílias da atualidade, apontando que ainda há desigualdade entre homens e mulheres.

## Os estereótipos

De acordo com Lippmann (1922) quando algumas pessoas participam de um mesmo grupo, existe uma tendência para que as pessoas percebam em si mesmas e nos outros indivíduos que fazem parte desse grupo, traços comuns e valores valorizados internamente pelos membros do grupo. Essas características são, segundo esse autor, conhecidas como “estereótipos”. Tradicionalmente, esses traços estereotípicos são formados a partir de um emaranhado de características correspondentes às convicções de cada agrupamento. O que define um grupo é a valorização do endogrupo e a desvalorização do exogrupo, nesse caso, homens/mulheres. Neste sentido, os estereótipos possuem uma função avaliativa, portanto, as atitudes estereotípicas que os membros de um grupo têm ao interagir com outros (homens/mulheres) predispõem julgamentos desfavoráveis. Em outras palavras, os estereótipos constituem a base dos preconceitos (DESCHAMPS; MOLINER, 2009).

## Método

Na coleta de dados foram entrevistadas 19 mulheres e 9 homens, sendo 5 crianças, por conveniência, em seus respectivos domicílios do referido conjunto. A pesquisa seguiu os princípios da Ética com Humanos e o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética sob o número CAAE: 67487917.1.0000.5546. Aplicou-se um instrumento semiestruturado cujas questões caracterizaram sociodemograficamente a amostra e foram tratadas pelo aplicativo SPSS-20. As informações foram interpretadas pela Análise do Discurso, na versão de Rocha-Coutinho (1994).

## Resultados

### Resultados Sociodemográficos

A idade média da amostra composta por homens foi 28 anos; profissionalmente foi apontado que 45% eram empresários, 18% possuíam cursos técnicos; 46% estavam empregados e 18% desempregados. Sobre os anos de escolaridade concluíram ensino fundamental, 36% possuíam o ensino fundamental incompleto, 9% ensino médio completo, 10% ensino médio incompleto, 10% ensino superior completo e 9% não informaram. Dos participantes 54% não tinham filhos, 27% tinham entre um filho e dois filhos, 27% tinham entre quatro e onze filhos. Quanto ao estado civil 73% eram solteiros, 1

9% divorciados. A renda pessoal variou de menos de um salário até quatro salários, 54% não informaram, 28% dois salários, 18% um salário. No que se refere à renda familiar 27% ganhavam até um salário mínimo, 10% até 27% entre três e quatro e 36% não informaram.

### Análise das Categorias e Discussão

As respostas dos entrevistados resultaram em diversas categorias que neste trabalho são analisadas quatro delas: com o Gênero, Estereótipos Femininos, Estereótipos Masculinos e Figura mais Importante na Família.

*Identificação com o Gênero* esta categoria foi definida a partir das respostas dos participantes ao serem questionados sobre “que é melhor, ser homem ou mulher”. Observou-se que 57% dos homens declararam-se satisfeitos por serem homens. A maioria dos homens encontrou-se facilidade de ser homem na nossa conjuntura social, a maior possibilidade de as mulheres serem vítimas da violência e da cultura machista. Os entrevistados avaliaram a rotina das mulheres como longa, enfocando os afazeres domésticos, que as obriga a “perderem a maior parte do seu tempo dentro de casa”. Foram ressaltadas características de gênero que diferenciam a mulher do homem, como a delicadeza (feminina) e a força (masculina) nas declarações:

Porque eu sou homem, eu gosto de ser homem e é mais fácil. Hoje é mais difícil para uma sozinha. Eu já fui casado, a mulher não poderia chegar mais tarde, eu tinha que ir buscar as coisas, tem essas facilidades, a condição feminina hoje é mais difícil (PPL).

Ser homem! Nesse mundo de machismo que nós estamos aí, eu acho que mulher apanha preconceito ainda, por ser mulher. Nada contra (CMS).

Eu não tenho preconceito com mulher, mas estou muito satisfeito em ser homem. Ser homem é mais fácil. Mulher tem muita dificuldade. Ela cuida da casa, das crianças. É melhor trabalhar no comércio do que em casa (NSL).

A maior responsabilidade é do homem. Porque a mulher é mais delicada, mais charminho (NSL).

Foi comentado que a mulher “descolada, que corre atrás”, ainda é uma exceção, já que a maioria não é estimulada a ir para o mundo externo ao lar. O espaço público, para o qual o homem é estimulado desde cedo, é dominado por eles. A mulher tem que trabalhar fora, ganhar dinheiro, ser o provedor. A mulher aprende a cuidar da casa e é comum inclusive dos irmãos. Hoje, a mulher ainda não está abrindo mão do papel de cuidar do lar, trabalha fora e também cuida da casa. É um momento em que a mulher consegue ser provedora, ela ascende e desloca, de certa forma, o poder dentro da família e da sociedade. No entanto, apesar de trabalhar fora, ainda percebe-se submissão em relação à cultura machista, de, em geral, o homem ganhar mais e a mulher ser considerada apenas colaboradora com a renda familiar.

Todo agrupamento social estabelece comportamentos padronizados do que é “ser homem” e “ser mulher”, a existência de papéis sociais definidos para cada um dos sexos incluindo a regulação do exercício das atividades ou por homens. Por exemplo, ao nascer, não está estabelecido biologicamente que a mulher deva ser necessariamente mãe, enquanto, para algumas sociedades, o sexo é somente meio de reprodução (FRANCO, 2013).

Em alguns contextos, na concepção masculina, as mulheres continuam sendo protagonistas naturais no cuidado com os filhos, porém isto é pensado de forma diferente em função do país, da classe social e da idade. No contexto latino-americano, especialmente nas camadas populares, os homens tendem a considerar os cuidados físicos com os filhos como tarefa feminina. Segundo Jablonski (2003) em um de seus estudos, sobre as relações de poder entre homens e mulheres, há uma tendência ao igualitarismo, apesar da persistência de um sistema de crenças ainda marcado por estereótipos de gênero; já ultrapassados em muitos aspectos, ao menos no discurso. O lugar contemporâneo das mulheres combina um modelo igualitário com um modelo não igualitário. Observa-se que mesmo que o trabalho seja uma relação legítima para as mulheres como para os homens, ainda existe uma relação diferenciada para os dois gêneros: o espaço doméstico continua sendo considerado o espaço feminino.

sendo uma prioridade mais marcada no feminino, enquanto que o espaço profissional, uma prioridade masculina (LIPOVETSKY, 2000).

*Estereótipos femininos* essa categoria relacionou as respostas dos participantes à pergunta “O que a mulher não pode fazer?” foram apontados comportamentos adequados e inadequados para o gênero feminino, bem como suas percepções. Percebeu-se duas tendências nas respostas, uma expressou a ideia da mulher poder fazer tudo o que quiser e o outro afirmou inicialmente esse entendimento, imediatamente apontava restrições, como pode ser observado no seguinte exemplo:

Eu acho que a mulher está compatível aos homens também. Ela deve fazer e tem o direito de fazer também. Acho que não tem essa de mulher não pode e homem pode. São direitos iguais (CML).

Como expresso, apesar das falas enunciarem a noção de igualdade de direitos entre os gêneros. Foram, contudo, observados elementos discursivos naturalizados socialmente ligados aos estereótipos de comportamentos femininos nas seguintes expressões:

É muita coisa que a mulher não pode fazer né O que elas não podem fazer é ter filho cedo não ter como estudar, Tem uma prima minha, ela teve um filho com 13 anos. Aí foi por causa dela largou os estudos (RBT).

Trair o marido. Porque é muita falta de respeito da parte dela (NLS).

Eu acho que a mulher não pode se esforçar que nem a gente, homem. Eu acho que ela não pode ter filhos, da família. A minha ex era diarista, trabalhava demais, mas é assim mesmo, tem que trabalhar para sobreviver (JWL).

A mulher não pode beber, nem fumar, usar droga (EDM).

Chegar tarde sozinha em casa, por segurança, pois é difícil para todo mundo, mas para a mulher é mais difícil. A confiança da sociedade, a cultura, torna as coisas para a mulher bem mais rígidas que o homem faz, a mulher tem condição de fazer. Até tem condições, mas a sociedade não quer. Por questões de profissões não é Mas só se for por questões profissionais aí elas se expõem a riscos (PPL).

Ao indagar os comportamentos adequados e inadequados para as mulheres pode-se perceber que os participantes reproduziram um discurso estereotípico simplificado, que abrange poucos traços e têm base em mitos sociais, que não reproduzem a própria realidade. Segundo Deaux e LaFrance (1988), os estereótipos ainda fazem parte do imaginário e tendem a se tornar reais, quando são usados para descrever e imputar significados às relações cotidianas.

Chauí (1985) entende que os estereótipos atribuídos às mulheres, resultam de uma ideologia de dominação masculina que define a condição feminina como inferior. Essa autora reforça que essa trivialidade é produzida e reproduzida tanto por homens quanto por mulheres.

De acordo com Leyens, Yzerbyt e Schadron (1996), os estereótipos são simplificações utilizadas de forma rápida para descrever traços de personalidade ou comportamentos de um grupo. Seguindo essa concepção, as mulheres, como grupo subordinado sociohistoricamente pelo poder masculino, em algumas situações, tendem a adotar condutas que confirmam esses estereótipos.

*Estereótipos masculinos* essa categoria relacionou as respostas dos participantes à pergunta “O que homem n. Os discursos dos homens sinalizaram a própria liberdade, atribuindo assim, a si mesmos, o papel de provedores materiais familiares. Isso favorece aos homens a experiência de deixar o lar e ocupar os espaços sociais da vida. As falas marcaram as desigualdades que entrelaçam as interações sociais entre os grupos de gênero, não foram quaisquer soluções para a equidade das mesmas. Eis alguns depoimentos:

Dar gaia na mulher. Porque não é bom! (MRT).

Homem não pode bater na mulher, eu acho, matar não é Bater e matar é muito recorrente, espancada pelo homem. Quando não dá certo é melhor cada um ir para o seu lado, se Agora para mim eu não admito que o homem vá pegar a mulher e espancar, porque algumas vezes, também não quer mais conviver e aí o homem pegar e matar, eu acho. Ele espanca mulher roxa, bateu (MJS).

Todo mundo pode fazer o que quiser. Independente de que seja. Quem bota a barreira para fazer, é você mesmo. Aí eu não consigo, aí eu não posso, aí eu não vou ter. Aí é você mesmo botando na sua cabeça. Entendeu (CTN).

A única coisa que ele não pode fazer é parir, né (MVD).

Homem não pode Entrar no mundo das drogas. Porque é muito... Tem muitas coisas né da morte... Esses negócios né (RBT).

Homem não pode é ser machista. Porque eu acho que são direitos iguais. Todo mundo tem espaço (CML).

Homem não pode trair a mulher (NLS).

O homem tem que fazer tudo. Ele não pode abandonar a família, por exemplo. Homem tem que assumir a família, a responsabilidade. Têm muitos exemplos na TV, mãe abarcar (JWL).

Homem não pode a mesma coisa, não pode roubar, estuprar, usar droga, beber (EDM).

Ele (o homem) faz o que ele entender, eu acho que a segurança para o homem a sociedade. Eu acho que é o meio que eu fui criado não é A sociedade é patriarcal, o homem... no prato, homem não arrumava casa, minha criação foi essa, minhas irmãs têm horário de trabalho tinha. Eu acho que não só a sociedade, mas a minha criação, a maioria dos homens é livre questão da marginalidade, não é Eu acho que os pais, eles devem controlar mais, tanto como os homens. A mulher não tem uma tendência mais fácil como o homem para a má comportamento de fora da lei (PPL).

Gilligan (1993) estudou a gênese das diferenças de gênero observando a dinâmica interpessoal de meninos e meninas em seus primeiros anos de vida, dando ênfase ao fato de que geralmente em sua primeira infância ambos (meninos e meninas) são cuidados por mulheres. Segundo essa autora na infância, ao serem separados e tratados como opostos, os meninos e meninas se delimitam como masculinos, enquanto as meninas, por manterem uma relação de continuidade e identidade com a mãe, conseqüentemente, são vistas como iguais, definindo assim, sua feminilidade a partir da experiência do apego. Na literatura, nas relações intrafamiliares são construídas identidades e demarcados papéis sociais, que se car-

hierarquia centrada na figura do “chefe provedor” (ZALUAR, 1985; TELLES, 1990).

A este respeito, Ramires (2014) afirma que as novas configurações familiares demonstram uma reorganização social por parte do homem e da mulher. Mesmo no interior de uma família nuclear constituída de pai, observam-se mudanças no exercício da parentalidade. Além disso, são diversas as configurações familiares visíveis nas últimas décadas, como a família recomposta, a família monoparental feminina ou masculina homoafetiva, dentre outras. Assim, ser pai e ser mãe na atualidade transcende o modelo tradicional e demanda sobre a família contemporânea.

Araújo e Scalon (2005) chamam a atenção para a conexão estreita entre estruturação e reprodução da família ocupados por homens e mulheres na vida social. Acrescentam que as relações de gênero familiares são influenciadas pelo surgimento de novos valores e atitudes que promovem novas dinâmicas de interação, mas convivem também com os valores tradicionais de perceber e conduzir essas relações. Pode-se, então, afirmar que, no Brasil, as relações de gênero mudaram. Entretanto, o princípio tradicional da divisão sexual do trabalho – mulheres e homens com papéis diferenciados – mantém-se. Há uma posição menos tradicional no que diz respeito ao investimento das mulheres com a vida profissional, o que não implica em redefinições no papel de mãe, esposa e dona de casa.

A *Figura mais importante na Família* foi uma categoria definida a partir das respostas sobre a principal figura da família. Para a amostra, a mãe desempenha um papel social de maior relevância no lar, e segundo os depoimentos, como se vê na literatura, ela é imprescindível para a manutenção e integração da família. Os entrevistados justificaram sua escolha enfatizando as relações afetivas entre estes e suas mães como o pilar que possibilitou a sua reprodução social. Seguem as falas:

Minha mãe. Porque foi a única mulher que me criou, eu não tive pai... Meu pai não me criou (CMS).

Pai e mãe. Agora, mãe. Ah, é tudo em minha vida; minha existência. Pessoa mais importante para mim vem as minhas filhas (CMS).

A minha mãe, o meu pai, mas ele já morreu. Pois ela me teve, me criou. Eu reconheço minha mãe (NLS).

Minha mãe, meus filhos. Eu vejo muito meus filhos ao meu lado, minha mulher também. Porque eu prezo muito por eles. Responsabilidade (JWL).

Foi a minha avó, mas ela faleceu, minha mãe e meu pai não é. Que eu moro com ela primeiramente era minha avó, que eu fui criado com ela (PPL).

A maternidade permanece cercada por uma série de mitos, deveres e prerrogativas, assumindo um papel de maior importância se comparada à paternidade. A mãe é vista como única e insubstituível, ao passo que o pai pode ser o biológico, adotivo, ou mesmo o companheiro da mãe (BARROS, 2005; REIS, 2010). Em concordância com esse entendimento de Anderson e Hamilton (2005) que investigou a representação materna e paterna presente nos livros de história, revelou que enquanto o pai era frequentemente não representado ou aparecia como ausente ou ineficaz no exercício das funções, a mãe aparecia como a principal cuidadora e responsável pela disciplina do/as filho/as.

#### Considerações finais

*Identificação com o Gênero* – nesta categoria observou-se que 57% dos homens declararam-se satisfeitos por serem homens. Entre as justificativas encontrou-se facilidade de ser homem na conjuntura atual devido a maior possibilidade de serem menos vulneráveis à violência social e de serem maiores vítimas da cultura machista vigente em nossa sociedade.

*Estereótipos femininos* – Nessa categoria, as respostas se dividiram em duas tendências, uma expressou a ideia de poder fazer tudo o que quiser e a outra, apesar de afirmar inicialmente esse entendimento, imediatamente apontou para a necessidade de ser reconhecida.

*Estereótipos masculinos* – nessa categoria os discursos masculinos sinalizaram a própria liberdade, atribuindo a si mesmos, o papel de provedor dos bens materiais familiares, o que favorece aos homens a experiência de deixar os espaços sociais da vida.

*A Figura mais importante na Família* – para a amostra, a mãe desempenha um papel social de maior relevância imprescindível para a manutenção da família e para a reprodução social. Os entrevistados justificaram isso enfatizando suas relações afetivas com suas genitoras.

Os dados expostos ampliaram a discussão que envolve os papéis sociais desempenhados pelo homem na nossa sociedade. Os entrevistados avaliaram a rotina das mulheres como longa, enfadonha, devido aos afazeres domésticos que “perderem” a maior parte do seu tempo dentro de casa. Apesar das falas marcarem as desigualdades que existem nas interações sociais entre os grupos de gênero, não foram apontadas quaisquer soluções para a equidade das mesmas.

Os depoimentos revelaram a existência de mecanismos e práticas sociais que reproduzem valores, ligados ao modelo patriarcal, que continua presente e interfere no dia-a-dia de mulheres e homens, muito embora, algumas vezes sob uma forma mascarada. Assinala-se ainda, leves sintomas de visíveis mutações nos papéis sociais familiares desempenhados por homens e mulheres.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDERSON, D. A., & HAMILTON, M.. **Gender role stereotyping of parents in children's picture books: the in Sex Roles**, 52(3/4), 2005.
- ARAÚJO, Clara; SCALON, Celi (org.). **Gênero, Família e Trabalho no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora, 2005.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa, 2006.
- BARROS, F. O.. **Do direito ao pai**. Belo Horizonte, 2005.
- BLUMER, Herbert. **Symbolic Interactionism**. New Jersey: Ed. Prentice-Hall, 1969.
- BRONFEBRENNER, Urie. **A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados** - artes Médica. 1996
- CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. Tradução Klauss Brandini Gerhardt. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra,
- CHAUI, Marilena. **Participando do debate sobre mulher e violência** In&39; *Perspectivas Antropológicas da* mulher e violência. Rio de Janeiro, 1985.
- CORRÊA-CUNHA, Elza Francisca et al. **PAPÉIS SOCIAIS DESEMPENHADOS POR MULHERES EM HABITACIONAL POPULAR**. XI Colóquio Internacional "Educação e Contemporaneidade". São Cristóvão, SE  
Aceso em 23 jan. 18. Disponível  
[http://anais.educonse.com.br/2017/papeis\\_sociais\\_desempenhados\\_por\\_mulheres\\_em\\_conjunto\\_habitaciona.pdf](http://anais.educonse.com.br/2017/papeis_sociais_desempenhados_por_mulheres_em_conjunto_habitaciona.pdf)
- \_\_\_\_\_. **REPRESENTAÇÃO SOCIAL DE COMUNIDADE E ELEMENTOS DE AUTOIDENTI MORADORAS DE CONJUNTO HABITACIONAL POPULAR**. Revista Interfaces Humanas e Sociais, v. 6 n. 2018. Acesso em: 04 jun. 2018. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/index.php/humanas/article/view/4465/>
- \_\_\_\_\_; MENEZES, Nielson Santos. **Lei das Cotas Partidárias e os Resultados Eleitorais em Sergipe 2012**. Interfaces Científicas- Humanas e Sociais vol. 4, nº 3, p. 59-68, 2016. Acesso em: 23 jan. 18. [ <https://periodicos.set.edu.br/index.php/humanas/article/view/2299>
- D'ÁVILA, Sande Maria Gurgel. **O Significado do Trabalho Feminino para Famílias de Trabalhadoras de um Confecção em Fortaleza**, CE. Viçosa: UFV, 1999, 130 p. Dissertação (Mestrado em Economia Doméstica – Ecor Universidade Federal de Viçosa. Acesso em 04 jun. 2018. Disponível em: [http://www.xxcbcd.ufc.br/arqs/gt1/gt1\\_4](http://www.xxcbcd.ufc.br/arqs/gt1/gt1_4)
- DEAU X, K.; LAFRANCE, M. Gender. In: LINDZEY, G.; GILBERT, D. T.; FISKE, S. T. (Eds.) **The Handb Psychology**. Boston: McGraw Hill, v.1,788-827, 1998.
- DESCHAMPS, Jean-Claude; MOLINER, Pascal. **A identidade em Psicologia Social- Dos processos representações sociais**. Rio de Janeiro, 2009.

FRANCO, Lirani Maria. 2º Encontro – **A construção do papéis sociais da mulher e do homem na sociedade Legais Populares**, Curitiba, 2013. Acesso em 04 jun. 2018. Disponível em: <https://plpsc Curitiba.wordpress.com/2013/10/21/2-encontro-a-construcao-do-papeis-sociais-da-mulher-e-do-homem>

GOFFMAN, E. . **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis, 1959.

GOMES, P. B. M. B.. **Princesas: Produção de subjetividade feminina no imaginário de consumo**. Dissertação UFRGS. Porto Alegre, Rio Grande do Sul, 2000.

JABLONSKI, B.. “**Afinal, o que quer um casal Algumas considerações sobre o casamento e a separação na carioca**. Em T. Féres - Carneiro (org.), Família e Casal: arranjos e demandas contemporâneas. pp. 141-168. F EDPUC/Loyolla, 2003.

LEYENS, J. -P; YZERBYT, V.; SCHADRON, G. **Stéréotypes et cognition sociale**. Bruxelas: Mardaga, 1996.

LIPOVETSKY, G. **A terceira mulher**. S. Paulo: Companhia das Letras, 2000.

LIPPMAN, W. Public opinion. Nova York, 1922.

MEAD, Margaret. **Sexo e temperamento em três sociedades primitivas**. São Paulo: Perspectiva, 1999.

NARVAZ, M. G., & KOLLER, S. H.. **Famílias e patriarcado: Da prescrição normativa à subversão criativa** Sociedade, 2006.

PHILIPP, Poutigna, STREIFF-FENART, Jocelyne. Teorias da etnicidade: **seguido de grupos étnicos e s** UNESP, 1998.

RAMIRES, V. R. R.. **A paternidade na contemporaneidade**. In Arpini, D. M., & Cúnico, S. D. (Orgs.). **Novos o família: Aspectos psicológicos, sociais e jurídicos** (pp. 27- 38). Curitiba, 2014.

RAZERA, J. ; CENCI, C. M. B.; FALCKE, D.. **Violência doméstica e transgeracionalidade: Um estudo de ca** Psicologia da IMED, 6(1), 47-51, 2014.

REIS, E. F.. **Varas de família – Um encontro entre Psicologia e Direito**. Curitiba, 2010.

ROSALDO, Michelle; LAMPHERE, Louise. **A mulher, a cultura e a sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/1580/sherryortner.pdfsequence=1&is>

STOLLER, **Recherches sur l identité sexuelle (Sex and gender)**. Traduit de l anglais par Monique Novodo Gallimard: Paris, 1978.

STREY, Marlene.N. **Gênero, Família e Sociedade**. In: Strey, M.N.; Neto, J.A.S. & Horta, R.L. (org), Família e Alegre: EDIPUCRS, 2007.

TELLES, V. da S. **A pobreza como condição de vida: família, trabalho e direitos entre as classes trabalhadas**

São Paulo, n. 2, abril/jun. 1990, p. 37-45.

WAGNER, A.; PREDEBON, J. ; FALCKE, D. **Transgeracionalidade e educação: Como se perpetua a família** (Org.), Como se perpetua a família A transmissão dos modelos familiares (pp. 93-105). Porto Alegre: EDIPUCRS.

ZALUAR, A. **A máquina e a revolta**. São Paulo: Brasiliense, 1985.